



A SEXUALIDADE SEGUNDO A TEORIA PSICANALÍTICA FREUDIANA E O PAPEL DOS PAIS NESTE PROCESSO

Elis Regina da COSTA elisreginacosta@yahoo.com.br Universidade Federal de Goiás
Kênia Eliane de OLIVEIRA keniaeo@hotmail.com Universidade Federal de Goiás

RESUMO

A sexualidade é uma dimensão humana essencial, e deve ser entendida na totalidade dos seus sentidos como tema e área de conhecimento. O primeiro teórico a falar sobre a sexualidade infantil foi Sigmund Freud. Nos dias atuais, a sexualidade, se configura como uma área de estudos e pesquisas. De acordo com Freud (2006) a sexualidade nos acompanha desde o nascimento até a morte. Observa-se atualmente uma escassez de estudos voltados para o papel dos pais na educação sexual das crianças desde a primeira infância, para que estes possam chegar à adolescência segura e consciente de sua maturação sexual e tendo consciência de sua sexualidade. O objetivo deste artigo é explicar sobre o desenvolvimento sexual segundo a vertente psicanalítica, explicitando as fases psicosssexuais proposta por Freud (2006). Também será realizado um breve apanhado a respeito do papel dos pais neste processo, com algumas orientações.

Palavras chaves: Infância: Educação sexual: Pais

ABSTRACT

Sexuality is an essential human dimension, and should be understood in all its senses as subject matter and area of expertise. The first theorist to talk about child sexuality was Sigmund Freud. Nowadays, sexuality, is configured as a field of study and research. According to Freud (2006) sexuality accompanies us from birth to death. There is currently a dearth of studies into the role of parents in sex education of children from early childhood, so that they can reach their teens safe and aware of hissexual maturation, and being aware of their sexuality. The purpose of this article and expound upon the sexual development according to the aspect of psychoanalysis, explaining the psychosexual stages proposed by Freud (2006). Also there will be a brief overview on the role of parents in this process, with some guidance.

Keywords: Children: Sex education: Parents



¹Kênia Eliane de Oliveira - aluna do curso de Pedagogia da UFG – CAJ. Trabalho adaptado do TCC da segunda autora, realizada sob orientação da primeira autora. Elis Regina da Costa - Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora da Universidade Federal de Goiás

A SEXUALIDADE SEGUNDO A TEORIA PSICANALÍTICA FREUDIANA E O PAPEL DOS PAIS NESTE PROCESSO

A sexualidade é uma dimensão humana essencial, e deve ser entendida na totalidade dos seus sentidos como tema e área de conhecimento. O primeiro teórico a falar sobre a sexualidade infantil foi Sigmund Freud.

Freud (2006) desenvolveu a teoria da sexualidade infantil, durante tratamentos clínicos em seu consultório, nos quais observou transtornos psicológicos apresentados por seus pacientes já adultos. Ele buscava tratar os distúrbios de histeria. Neste sentido, pode-se perceber que a criança não foi o ponto de partida, nem tão pouco o desejo de estudo de Freud (1905), mas a busca por solucionar os problemas emocionais apresentados por seus pacientes.

Na XX Conferência de Viena (1915-1916), Freud (2006) em seu discurso sobre “A vida sexual dos seres humanos”, afirmou a respeito da dificuldade que existia em se definir o que ele chama de energia sexual, por ser um assunto bastante polêmico. À época, tudo que se referia ao tema era definido como impróprio e não deveria ser discutido ou debatido. Assim sendo, afirmou:

[...] Falando sério, não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de ‘sexual’. Talvez a única definição acertada fosse ‘tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos’. [...] Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. [...] Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo (FREUD, 2006, p. 309).



Nos dias atuais, a sexualidade, se configura como uma área de estudos e pesquisas. De acordo com Freud (2006) a sexualidade nos acompanha desde o nascimento até a morte. Ao publicar seu primeiro estudo sobre a sexualidade infantil, Freud (2006) chocou a sociedade de sua época, que possuía uma ideia de não existência de sexualidade nesta faixa etária. Neste trabalho, o fundador da psicanálise expõe que desde seu nascimento, o indivíduo é dotado de afeto, desejo e conflitos.

Podemos verificar que ainda hoje há pessoas que apresentam consciente ou inconscientemente grande dificuldade em lidar e aceitar que desde que nasce a criança é um ser sexuado.

A fim de entender sobre sexualidade infantil torna-se importante primeiramente compreender a diferença existente entre “sexo” e “sexualidade”. Enquanto o Sexo é entendido a partir do biológico, remetendo-se a ideia de gênero, feminino e masculino, a sexualidade vai além das partes do corpo, constituindo-se como uma característica que está estabelecida e está presente na cultura e história do homem. Segundo Nunes e Silva (2006, p. 73) “A sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas”.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (1975) apud Egypto (2003):

A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde



sexual também deveria ser considerada como um direito humano básico (OMS, 1975, apud EGYPTO, 2003, p. 15 e 16).

Percebe-se poucos avanços nos mais de cem anos decorridos dos escritos de Freud (2006) a respeito da sexualidade infantil. Em seus trabalhos o autor defende que a sexualidade surgiria na criança desde seu nascimento, hipótese essa que caminha contra a noção clássica de sexualidade como instinto. De acordo com o tal conceito, a criança não possuiria sexualidade, essa surgiria a partir da puberdade que é quando se iniciaria a maturação biológica e o instinto sexual se formaria por meio de uma atração irresistível de um sexo sobre o outro, que se completaria pela união sexual. Contudo, de acordo com Freud (1977):

A opinião popular tem idéias muito precisas a respeito da natureza e das características e do instinto sexual. A concepção geral é que está ausente na infância, que se manifesta por ocasião da puberdade em relação ao processo de chegada da maturidade e se revela nas manifestações de uma atração irresistível exercida por um sexo sobre o outro; quanto ao seu objetivo presume-se que seja a união sexual, ou pelo menos atos que conduzam nessa direção (FREUD, 1977, p. 135).

Alguns teóricos, como Zornig (2008, p. 73) defende que a sexualidade não pode ser vista como instintiva, pois a todo o momento o ser humano busca satisfazer seus desejos.

A concepção clássica de instinto tem como modelo um comportamento que se caracteriza por sua finalidade fixa e pré-formada, com um objeto e objetivos determinados, enquanto a noção freudiana de sexualidade defende a idéia de que a sexualidade humana não é instintiva, pois o homem busca o prazer e a satisfação através de diversas modalidades, baseadas em sua história individual e ultrapassando as necessidades fisiológicas fundamentais. Assim, se a sexualidade se inicia com anatomia (no nascimento), sua conquista



depende de um longo percurso durante a construção da subjetividade da criança (ZORNIG, 2008, p. 73).

Para Freud (2006), na sua época, o descaso que os estudiosos mostravam em relação ao desenvolvimento sexual da criança, acabaria por prejudicar sua formação. Segundo o autor, é durante a infância que ocorre o surgimento de transtornos emocionais, que ao serem internalizados evoluem trazendo à tona diversos tipos de neuroses² que surgem, normalmente na fase adulta. Desta forma, para Freud (2006), o grande erro dos estudiosos da teoria clássica é que não buscam compreender os problemas que o indivíduo carrega em seu ser, tendo como ponto de partida a infância, mas conduzem suas investigações tendo por base a hereditariedade.

A razão da negligência ou desatenção que alguns pais e professores demonstram em relação ao desenvolvimento da sexualidade da criança e suas manifestações pode ser entendida, em parte devido a criação e a um fenômeno psíquico chamado de amnésia infantil, que na grande maioria das pessoas acaba por ocultar as recordações dos primeiros anos da infância. A amnésia infantil, segundo Freud (2006), é um fenômeno psíquico que leva as pessoas ao esquecimento parcial ou total das lembranças que o indivíduo possui de seus primeiros seis ou oito anos de vida de sua infância. É como se o EGO³, por um motivo de defesa afastasse os eventos geradores de angústia, frustrações, dores que estão conscientes ou inconscientes no indivíduo. As situações e impressões esquecidas deixam profundos rastros em nossa vida anímica e acabam por influenciar o desenvolvimento ao longo da vida do indivíduo. Tal amnésia é comparada por Freud (2006) às apresentadas nos neuróticos quando sofrem perda da consciência (recalcamento), essa comparação se justifica devido a estudos que comprovam que a sexualidade dos neuróticos preserva o estado infantil.

Observa-se atualmente uma escassez de estudos voltados para o papel dos pais na educação sexual das crianças desde a primeira infância, para que estes possam chegar à

² Neurose: doença nervosa causada por trauma. Segundo Freud: uma afecção ligada a um conflito psíquico inconsciente de origem infantil e dotada de uma causa sexual. Ela resulta de um mecanismo de defesa contra a angústia e de uma formação de compromisso entre essa defesa e a possível realização do desejo.

³ Para a compreensão do conceito de ID, EGO e Superego ver RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Cláudia. **Teorias do Desenvolvimento**. Conceitos fundamentais. Vol. 1. São Paulo. EPU, 1981.



adolescência seguros e conscientes de sua maturação sexual e tendo consciência de sua sexualidade. O objetivo deste artigo é explicar sobre o desenvolvimento sexual segundo a vertente psicanalítica, explicitando as fases psicosssexuais proposta por Freud (2006), a saber: fase oral, fase anal, fase fálica e fase genital. Entre a fase fálica e a genital, Freud (2006) postula um período, denominado por ele de latência. Também será realizado um breve apanhando a respeito do papel dos pais neste processo, com algumas orientações.

Fase Oral

Nos primeiros anos de vida que a criança tem suas mais puras reações. Sabem expressar dor e alegria, demonstram amor, ciúmes e outros sentimentos que vivenciam com muita intensidade. Desta forma se pode observar que em nenhuma outra fase da vida a capacidade de recepção e imitação é maior do que os anos da infância. O ser humano nasce sexuado e desde bebê tem início seu auto-conhecimento, de forma natural e espontaneamente, mas ele necessita da ajuda do meio em que se está inserido para encontrar as respostas das questões que tanto lhe angustiam. Segundo Freud (2006) a sexualidade é construída durante as primeiras experiências afetivas do bebê. Quando nasce, a percepção do bebê é sensorial, todo contato com seus pais ou cuidadores passa a compor as primeiras sensações sexuais e será a base para a construção dos vínculos afetivos e do desejo de aprender.

Essa construção ocorrerá por meio da energia afetiva, que levará o organismo a perseguir seus objetivos. A essa energia, Freud (2006) denominou de libido, que é sinônimo de energia sexual. Segundo Fiori (1981) a libido é:

[...] a energia afetiva original que sofrerá progressivas organizações durante o desenvolvimento, cada uma das quais suportadas por uma organização da libido, apoiada numa zona erógena corporal, caracterizará uma fase de desenvolvimento (FIORI, 1981, p. 33).



Segundo Ribeiro (1996), as teorias de Freud (1905) sobre a sexualidade afirmam que é a libido a mola propulsora que move o homem. A libido é a energia afetiva que busca o prazer e faz parte do ser humano desde seu nascimento até sua morte. Para Freud (1905) são nas fases psicosexuais que ocorrem o desenvolvimento da personalidade de um modo específico e é caracterizado pela concentração da libido em zonas erógenas.

Ribeiro (1996) ao citar Lajonquière (1992) afirma que segundo Freud (1905) “o organismo funciona como suporte do processo de inscrição simbólica. Onde se vê um organismo, escuta-se o resmungar de um corpo, determinado não apenas pela biologia, mas pela ordem da palavra regida pelo significado” (1996, p. 26, 27). Assim sendo, a formação do indivíduo pressupõem dois aspectos essenciais e interdependentes que são: o afetivo e o cognitivo.

A sexualidade infantil surge ligada as necessidades orgânicas e acaba se apresentando auto erótica, procurando a satisfação de seus desejos em seu próprio corpo. Ao nascer, a criança possui em sua estrutura sensorial, a boca e os lábios como zonas erógenas mais desenvolvidas e é por meio dos lábios que ela experimenta os primeiros momentos de prazer. Segundo o dicionário de psicanálise (1981), para Freud (1905) qualquer região do revestimento cutâneo-mucoso pode funcionar como zona erógena. Freud (1905) estende a propriedade que ele denomina de erogenicidade a todos os órgãos internos, ou seja, todo o corpo é visto como zona erógena. Essas zonas erógenas são fontes de diversas pulsões parciais (auto-erotismo) e determina com maior ou menor especificidade certo tipo de meta sexual, que são fontes de prazer.

É durante o ato de “mamar”, quando a criança busca a preservação do equilíbrio vital, que surgem as primeiras experiências de prazer. Pois, ao sugar o seio da mãe sua boca entra em contato com a pele dela e seus lábios se comportam como transmissores de sensações prazerosas. Segundo Freud (1905) apud Fiori (1981):



É pela boca que começará a provar e a conhecer o mundo. É pela boca que fará sua primeira e mais importante descoberta afetiva: o seio. O seio é o primeiro objeto de ligação infantil. É o depositário de seus primeiros amores e ódios (FREUD, 1905 apud FIORI, 1981, p. 36).

Os lábios e a língua do bebê tornam-se *zona erógena* pela qual, ao sugar o leite, a criança sente prazer em se alimentar e desta forma, a sensação prazerosa fica associada à necessidade de alimento. Freud (2006) descreve a presença desse prazer ao afirmar que:

Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida (FREUD, 2006, p. 171).

Neste momento a energia libidinal, está organizada em torno da boca. Esta fase Freud (2006) denominou de “oral”, pois tudo que a criança pega leva a boca, esta é o primeiro vínculo que a criança estabelece com o mundo. Ao abandonar o seio da mãe e começar a sugar o dedo ou até mesmo a própria língua ocorre o início da auto-erotização pela criança, quando se pode afirmar uma sexualidade que se desvia do instinto.

Com o passar dos meses a necessidade da satisfação dissocia-se da necessidade de se alimentar, nesta fase a criança busca em seu corpo uma forma de encontrar o prazer antes sentido no seio de sua mãe. A criança passa a sugar parte de seu corpo, isso se torna mais cômodo dando a ela a sensação de independência do mundo externo.

Assim sendo, para Freud (2006), o sugar que surge no lactente pode persistir por toda a vida do indivíduo e consiste na repetição rítmica de sucção com a boca e não tem nenhum propósito de nutrição. Nesse período qualquer parte de seu corpo (parte dos lábios, língua, dedo das mãos ou dos pés, ou ponto da pele) pode ser usado como objeto para sucção.



Em muitos casos o sugar com leite combina-se com a fricção de alguma parte sensível do corpo, como os seios ou as genitálias externas.

Desta forma, se pode notar que a pulsão não se dirige a outra pessoa, mas ao próprio corpo, pois é auto-érotica, e o prazer é lembrado por meio de sucção rítmica de alguma parte da pele ou da mucosa. Para Freud (2006) a pulsão é a representação psíquica de uma fonte endossomática de estimulação que flui segundo a estimulação produzida por excitações esporádicas e externas.

A criança sugadora busca em seu corpo alguma parte que estimulará buscando produzir uma excitação prazerosa que depois, por hábito, se tornará a preferida. Diversas crianças passam do sugar para a masturbação. As zonas erógenas nem sempre proporcionam um generoso prazer. Assim sendo, a criança passa a explorar seu corpo cada vez mais, e se depara com as regiões excitáveis que são representadas por seus genitais e, saem da sucção para a masturbação. Percebem-se portanto, bem visíveis as manifestações sexuais na infância.

Fase Anal

A fase anal sucede a fase oral e inicia-se por volta do segundo ano de vida. Nesta fase, a libido, que estava concentrada na região dos lábios, passa para o ânus, ou seja, a satisfação erógena que a zona labial proporcionava à criança, é substituída pela zona rectal. “Tal como a zona dos lábios, a zona anal está apta, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em outras funções corporais” (FREUD, 2006, p. 175).

É nessa fase que a criança começa a estabelecer o controle de seus esfíncteres. Neste período as crianças começam a criar suas fantasias sobre o que produzem, ou seja, as fezes. Essa produção tem para ela um grande valor, porque são objetos que vem de dentro de seu corpo e que, de certa forma, fazem parte da criança, proporcionando prazer ao ser produzido. O autor esclarece que é de suma importância esta parte do corpo, pois as excitações dela provenientes perpetuam por toda a vida, por meio da excitabilidade genital.



Neste período, as crianças, para tirar proveito da estimulação erógena da zona anal, retêm as fezes, até que este acúmulo proporcione violentas cólicas e ao passar pelo ânus, ocorrerá uma estimulação intensa na mucosa, dando-lhes sensações de alívio e prazer.

[...] Um dos melhores presságios de excentricidade e nervosismo posteriores é a recusa obstinada do bebê a esvaziar o intestino ao ser posto no troninho, ou seja, quando isso é desejado pela pessoa que cuida dele, ficando essa função reservada para quando aprouver a ele próprio. Naturalmente, não é que lhe interesse sujar a cama; ele está apenas providenciando para que não lhe escape o dividendo de prazer que vem junto com a defecação (FREUD, 2006, p. 175).

Fase Fálica

A próxima fase de desenvolvimento, segundo Freud (2006) é a Fálica. Nesta fase a libido erotiza os órgãos genitais e as crianças apresentam o desejo de manipulá-los. Tanto nos meninos, quanto nas meninas, esta zona está ligada à micção (glândula e clitóris). As atividades dessa zona erógena, da qual fazem parte os órgãos sexuais são, sem dúvida, o começo da vida sexual “normal”.

Por sua posição anatômica, pelas secreções em que estão banhadas, pela lavagem e fricção advindas dos cuidados com o corpo e por certas excitações acidentais (como as migrações de vermes intestinais nas meninas), é inevitável que a sensação prazerosa que essas partes do corpo são capazes de produzir se faça notar à criança já na fase de amamentação, despertando uma necessidade de repeti-la (FREUD, 2006, p. 177).

Freud (1905) conclui que devido à necessidade de higienização das genitálias e a quantidades de dispositivos erógenos existentes, o onanismo (vício masturbatório) que ocorre no período da amamentação é o responsável pelo surgimento da futura primazia das zonas



erógenas na atividade sexual. A masturbação (onanismo) que surge nesta fase é desencadeado buscando eliminar o estímulo e provocar a satisfação.

A criança é desprovida de vergonha e apresenta uma satisfação em se despir, principalmente as partes sexuais. E é nesse período que surge a curiosidade por ver os órgãos genitais de seus pares. Sobre o entusiasmo da sedução o desejo de ver passa a apresentar grande importância na vida sexual da criança. Nesta fase, as crianças começam a perceber as diferenças em termos de gênero: masculino e feminino.

O recém nascido traz consigo traços sexuais que se desenvolvem por certo tempo, mas logo sofre uma supressão progressiva que pode ser justificada pelo desenvolvimento sexual ou por características individuais. Não se pode afirmar o período certo em que ocorre essa supressão sexual, mas por volta dos três ou quatro anos a criança costuma expressar de forma clara sua sexualidade.

De três a cinco anos, se pode observar o quanto a sexualidade está presente na criança e é devido a este período que se inicia a atividade da busca do saber ou de investigar. De acordo com Freud:

Suas relações com a vida sexual entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles (FREUD, 2006, p. 183).

O sentimento de ameaça que ela sofre pela chegada de um bebê, o medo da perda dos cuidados e do amor dos pais acaba por levar a criança a se tornar reflexiva e observadora. O primeiro problema que a confronta não tem sua origem nas questões das diferenças sexuais, mas sim no grande enigma; “de onde vêm os bebês?” (FREUD, 2006, p. 183).



O fator da existência de dois sexos é inicialmente aceito pela criança sem nenhum desconforto. Mas, no decorrer das suas investigações, é comum encontrar meninos que presumem que as genitálias são todas iguais as suas e que é impossível imaginar a falta delas nas outras pessoas.

Esta convicção, obstinadamente defendida, acaba por levá-los a observação, que somente será abandonada após sérias lutas internas. Essa ideia de que todos os seres humanos possuem genitálias idênticas às suas é a primeira teoria sexual que a criança consegue formar. Nas meninas não ocorre este sentimento de incredulidade ao verificar a diferença de seus órgãos genitais em relação ao dos meninos, mas acabam sendo tomadas por uma espécie de inveja ou de um sentimento de inferioridade, pois em alguns casos elas podem se sentir como que castradas por algum tipo de castigo.

Outro fator que a leva a reflexão é sua curiosidade pela forma que os bebês nascem. São diversas as conclusões, chegam a acreditar que todas as pessoas, homens ou mulheres, possam gerar uma criança em seu ventre, e que isso pode ter acontecido devido à ingestão de algum tipo de alimento.

[...] eles saíam do seio, ou se recortariam do ventre, ou o umbigo se abriria para deixá-lo passar. [...] os filhos chegam quando se come determinada coisa (como nos contos de fadas) e nascem pelo intestino, como na eliminação de fezes (FREUD, 2006, p. 184, 195).

Algumas crianças também trazem consigo a curiosidade de descobrir em que consiste a relação sexual, ou seja, em que consiste ser casado e acabam por relacionar a solução deste mistério a alguma atividade voltadas às funções de micção ou defecação.

Período de Latência

Segundo Fiori (1981) devido a repressão do Édipo, a energia da libido se desloca dos seus objetivos sexuais. Como esta energia não cessa, está constantemente sendo



produzida, não pode ser simplesmente contida, é necessário que ela seja deslocada para outra finalidade. Acaba sendo canalizada por meio da sublimação para o desenvolvimento intelectual e social da criança.

Freud (2006, p. 167) ao descrever o período de latência, compara esta repressão da energia sexual a diques. Afirma que “durante esse período de latência total ou parcial erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso em forma de diques”.

Nesta fase se percebe que a educação é uma das responsáveis por esses diques. Pois é nesta fase que a energia sexual, às vezes total, mas em alguns casos parcial, é desviada para outros fins. Estudos afirmam que o desvio das forças pulsionais sexuais, denominado de sublimação, torna-se componente para as realizações culturais. Mas às vezes, manifestam-se situações sexuais que não foram totalmente sublimadas ou em alguns casos se preservam certas atividades sexuais ao longo do período de latência até a puberdade.

Fase Genital

Essa fase tem seu início, segundo Nunes e Silva (2006, p. 86), por volta dos dez anos de idade, ou seja, na puberdade e termina no final da vida do ser humano. Neste período a criança estará passando por transformações corporais, biológicas, afetivas e sociais. O autor ainda afirma que “é um período de maturidade psíquica e organização da estrutura da psique”.

A libido volta a se concentrar nos órgãos genitais, devido ao amadurecimento dos mesmos. Para Fiori (1981, p. 45) “alcançar a fase genital constitui, para a psicanálise, atingir o pleno desenvolvimento do adulto normal. Segundo a autora, nesta fase as adequações psicológicas e biológicas já foram todas atingidas. Ocorreu o desenvolvimento intelectual e social do indivíduo. Fiori (1981) afirma que:

Agora é a hora das realizações. É capaz de amar num sentido genital amplo. É capaz de definir um vínculo heterossexual significativo e duradouro. Sua capacidade orgástica é plena, e o prazer dela oriundo



será componente fundamental de sua capacidade de amar (FIORI, 1981, p. 45).

Por fim, a fim de preparar adequadamente o indivíduo para lidar com sua sexualidade é necessário pensar uma educação que contemple tal desenvolvimento de maneira clara, sem culpas e preconceitos.

PAPEL DOS PAIS

Sem dúvida que, pesquisas (Oliveira e Costa, 2011; Egypto, 2003; Werebe, 1998) desenvolvidas a respeito deste tema evidenciam o papel essencial da família na construção da sexualidade pela criança. Werebe (1998), afirma que a educação informal, que se realiza pela família, possui uma importância no desenvolvimento da criança e na formação de valores. Para o autor, os pais são os primeiros educadores da sexualidade da criança. Tal educação ocorre, muitas vezes de forma inconsciente, pois os pais não tem noção das consequências que suas atitudes ou falas, o que estas proporcionarão as crianças. Nestes casos, para Werebe (1998), os pais educam mais pela atitude do que pelo que dizem. Percebe-se o quanto a fase da descoberta dos órgãos genitais pelas crianças, que ocorre por volta dos três anos, desestabiliza os pais e os educadores.

Nem sempre os pais oferecem aos filhos informações sobre a sexualidade, seja porque não possuem os conhecimentos para fazê-lo, seja porque se sentem constrangidos para tratar do assunto. [...] Há pais rígidos e moralistas que procuram aos filhos normas de conduta severas no domínio da vida sexual, impedindo que eles se desenvolvam sem complexos e sem culpabilidade. Outros, porém, são



liberais, abertos e compreensivos, procurando manter com os filhos um diálogo sobre a sexualidade (WEREBE, 1998, p. 149).

A razão da negligência que alguns pais e professores apresentam em relação a sexualidade da criança pode ser entendida, em parte devido a sua própria criação e a um fenômeno psíquico chamado de amnésia infantil, que na maioria das pessoas acaba por ocultar as recordações dos primeiros anos da infância. A amnésia infantil, segundo Freud (2006), é um fenômeno psíquico que ocorre na maioria das pessoas, levando ao esquecimento parcial ou total das lembranças que o indivíduo trazia de seus primeiros seis anos de vida ou em alguns casos chegando a atingir os oito anos de sua infância.

É como se o EGO⁴, por um motivo de defesa afastasse os eventos geradores de angústia, frustrações, dores que estão conscientes ou inconscientes no indivíduo. Para Freud (2006) estas lembranças esquecidas são as grandes responsáveis pelos profundos rastros em nossa vida anímica e que será a mola mestra para nosso desenvolvimento posterior.

Nos primeiros anos de vida que a criança tem suas mais puras reações. Sabem expressar dor e alegria, demonstram amor, ciúmes e outros sentimentos que vivenciam com muita intensidade. Desta forma se pode observar que em nenhuma outra fase da vida a capacidade de recepção e imitação é maior do que os anos da infância.

As situações e impressões esquecidas deixam profundos rastros em nossa vida anímica e acabam por influenciar o desenvolvimento do indivíduo. Tal amnésia é comparada por Freud (2006) às apresentadas nos neuróticos quando sofrem perda da consciência (recalcamento), essa comparação se justifica devido a estudos que comprovam que a sexualidade dos neuróticos preserva o estado infantil.

Os pais devem sempre prestar atenção aos questionamentos das crianças, assim como responder a estes de maneira verdadeira, sem omitir nem entrar em detalhes desnecessários, deve-se restringir a responder somente as perguntas feitas. Segundo Nunes (2006), caso não saiba responder, falar a verdade é sempre a melhor solução bem como evitar

⁴ Para a compreensão do conceito de ID, EGO e Superego ver RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Cláudia. **Teorias do Desenvolvimento**. Conceitos fundamentais. Vol. 1. São Paulo. EPU, 1981.



falar mentiras. Tratar as perguntas das crianças de forma negligente ou falsa pode contribuir para o sentimento de solidão e trazer para a criança a sensação de não poder confiar naquele que está próximo a ela para ajudá-la a resolver suas angústias. Transmitir o conhecimento por meio do diálogo e da reflexão, ajuda a esclarecer e desmistificar dúvidas, inseguranças, medos, incertezas e anseios sobre a sexualidade. O conhecimento construído pela criança fundamenta-se, no meio em que vive, nos valores das pessoas com as quais convive e nas mensagens internalizadas em seu inconsciente. Neste sentido, torna-se essencial que os pais auxiliem de maneira consciente na vivência, gênese e evolução do conhecimento sobre a própria sexualidade.

Por fim vale destacar as contribuições significativas de Sigmund Freud (2006) sobre o conceito de sexualidade, lembrando aos pais que a sexualidade não se vincula apenas ao psiquismo do indivíduo, mas está atrelada também a sua formação pessoal e que as crianças são dotadas de sexualidade desde que nascem, buscando o prazer em todas as fases vivenciada por elas. Vale ainda destacar que, a família faz parte do processo de formação da sexualidade de seus filhos, o diálogo aberto e sem preconceitos entre pais e filhos é o melhor caminho para a construção da sexualidade das crianças, e deve-se lembrar que a família é o auxílio que a escola tem no trabalho de orientação sexual da criança.

REFERÊNCIAS

EGYPTO, Antônio Carlos. **Orientação Sexual na Escola**: um projeto apaixonante: o projeto de orientação na escola. (org). Clara Regina Rappaport. São Paulo. EPU, 1981. 144 p.

FIORI, Wagner da Rocha. **Teorias do Desenvolvimento**: Conceitos fundamentais: modelo psicanalítico. São Paulo. Cortez, 2003. 92 p.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

_____. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III) 1915-1916**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume XVI. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.



OUTEIRAL, José Ottoni. **Sexualidade Começa na Infância**: Educar nos tempos de hoje. Silva, Maria C. Pereira (org). Casa do Psicólogo. São Paulo, 2006. 123 p.

RIBEIRO, Cláudia. **A Fala da Criança Sobre Sexualidade Humana**: o dito, o explícito e o oculto. Mercado das Letras. São Paulo, 1996. 145 p.

SAYÃO, Rosely. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**: orientação sexual na escola. Aquino, J. G. (org). Summus editorial. São Paulo, 1997. 144 p.

SILVA, Regina Célia P.; NETO, Jorge M. **Formação de Professores e Educadores para Abordagem da Educação Sexual na Escola**: o que mostram as pesquisas. Ciências & Educação, v12, n2, p. 158-197, 2006. Disponível em: WWW.caps.com.br. Acesso em: 20/06/2010.

WEREBE, M. J. G. Sexualidade, Políticas e Educação. Autores e associados. São Paulo, 1998. 217 p.

ZORNIG, Sílvia Abu-Jamra. **As teorias sexuais infantis na atualidade**: algumas reflexões, 2008. Rio de Janeiro. Disponível em: WWW.scielo.com.br. Acesso em: 05/03/2010.